

Dos meninos da Malanga

(POESIA)



CALANE DA SILVA

Colin Darrel

Naputo

Ficha Técnica

EDITOR: Cadernos Tempo

COORDENAÇÃO: Felisberto Tinga

CAPA: Desenho de Malangatana Valente

MAQUETIZAÇÃO: Eugénio Aldasse

ILUSTRAÇÕES: Jacinto Khossa

COMPOSIÇÃO: Imprensa Nacional

REVISÃO: Guilherme Morbey, António Fernandes

FOTOLITO e IMPRESSÃO: Tempográfica

Direitos exclusivos em língua portuguesa para Cadernos Tempo

1.ª edição: Junho de 1982

TIRAGEM: 5 000 exemplares

N.º de registo 0284/INLD/81

***Dos meninos
da Malanga***

CALANE DA SILVA

EM JEITO DE PREFÁCIO

Amigos,

«Dos Meninos da Malanga» não é mais do que um recordar dialéctico das nossas vidas de crianças nascidas e criadas para lá do alcatrão das avenidas.

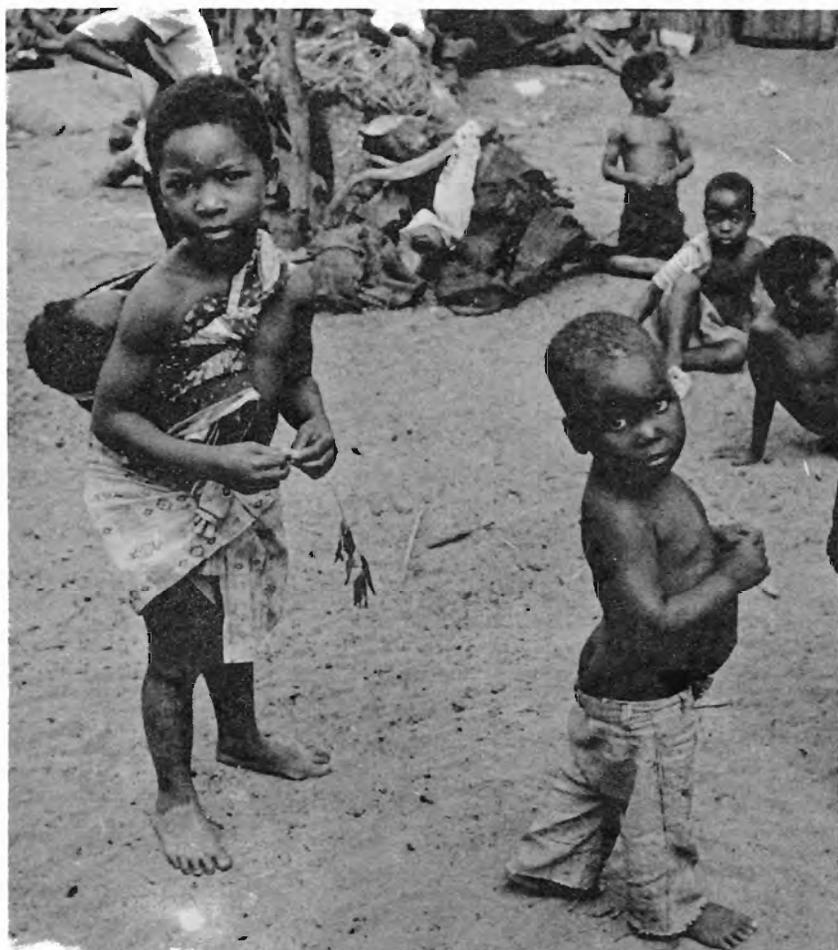
É um simples caminhar dos primeiros versos, quando ainda adolescente, à tentativa de alguns poemas em homenagem a todo o povo de todas as Malangas do país então ocupado.

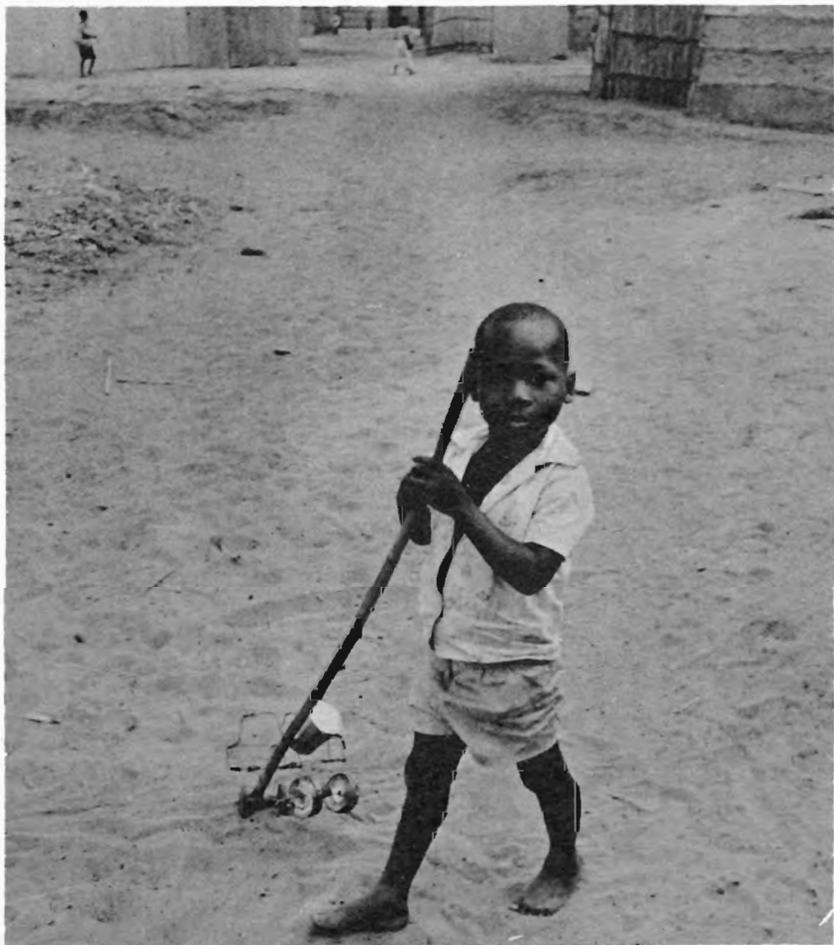
Do odiado multirracismo salazarista, passando pela negritude e o problema do mulato, até ao período da identificação com a terra e a luta pela liberdade, este palmilhar de palavras é sobretudo uma prosa-poética despoletada pelo que me rodeava.

A todos os meus amigos que me incitaram a publicar este livro um obrigado sem limites,

O Autor

- À minha Mãe e meu Pai
- Ao Carlitos, Mário, Guida e Eduardo, meus irmãos
- Em memória do meu cunhado Fernando da Silva Dias
(um operário, um artista, um companheiro)
- Ao Quinho (Gouvêris), um irmão para mim
- À tia Júlia Gumende (Como agradecer
tamanha solidariedade?)
- À Mila, minha mulher
- Aos amigos de infância e de sempre
Abdulremane e Cassamo «Mazola» (para quando
os vossos livros?) ao Manafe e Henriquinho
- Aos meus amigos e amigos da arte R. Nogar,
Malangatana, A. Magaia, R. Rangel, Gulamo Khan,
Heliodoro Baptista, Sebastião Alba, A. Pena, Danilo,
Marília Santos, Natércia Hertzizel, M. e A. Xavier,
A. Veiga, Moreira da Silva, Eduardo/Alice,
Luísa/Nito, Nino/Fátima
- Aos grandes poetas moçambicanos
José Craveirinha e Noémia de Sousa
- Ao nosso Povo





A negritude
A identificação

MOLEQUE

Ferro de engomar aceso no muro
aquece o assobio do moleque brincalhão
e a voz violenta do patrão.
O moleque será feliz ou não?
Tem água e tem comida
tem calça e tem guarida
e tem voz violenta do patrão.
Porque chora ele então?
Ferro de engomar aceso no muro
muito longe do seu bairro escuro...
Moleque
tua voz finge alegria
tua alma não tem maldade
porque não te recordas com saudade
da tua mãe morrendo na Macia?
Tu não és o culpado
vieste criança para os prédios da cidade
e agora é outra a tua mágoa saudade.
Correm em teus olhos imagens de outrora
menina loira de cabelos macios
cresceu em teus braços fortes e sádios
mas já não se recorda de ti agora...

(1962)



O SORRISO DO MULATO FEIO

Ao Mário, meu irmão

Para onde vais sorrindo mulato feio?...

Tua alma doce de tristeza
em olhos simples sem beleza
cantam a terra que dizem não ser tua.
Mendigando protecção em cada praça
exibindo o esplendor da tua raça
és o filho incógnito nascido no meio da rua.

Para onde vais sorrindo mulato feio?...

tua vida deambula sem fé e sem cabana
desprezando sem ódio o amor da tua mamana
mentindo, sempre mentindo para não chorar.
Recebendo o cuspo infame em cada face
teu gesto continua simples sem disfarce
amando tua cor plena de sonho e de luar.

Para onde vais sorrindo mulato feio?...

Sorrindo, sempre sorrindo
mulato feio não responde
sua vida escura depressa vai fugindo
ele caminha, sem saber para onde...

(1963)

(Desprezo pelo multirracismo
salazarista e o despertar para a negritude)

DOIS TEMAS

Ao António Xavier

Já tentaste olhar à tua volta?
Então tenta
e lamenta
esta comunhão hipócrita de raças.

Escurece.
Identificada
a minha negritude
caminho serenamente
para o esplendor da minha humanidade.

(1964)



POEMA DA FRUSTRAÇÃO

O desespero o medo a raiva
e também o cheiro que aperta
nos becos do meu bairro
conduzem-me ao pacifismo bolorento
da minha revolta frustrada.

Bebo todos os dias este cálice de mau cheiro
e com um sorriso nos lábios
vou bem-dizendo estes cristãos não racistas
que me ofereceram um deus da sua raça.
Também

um Cristo de ébano que me pertence
sufoca entre o telhado de zinco e as paredes de caniço
e pergunto à imagem crucificada se valeu a pena
um parto africano no ventre dos continentes.

Porém, meu Deus
não te peço bênçãos pelos meus cabelos encarapinhados
e por te imaginar de cor negra no meu quarto
pequena grande catedral
onde me amortelho de passividade.

(1964)

(Num passeio rotineiro
pelo meu bairro de caniço)

TRIPLA VISÃO

Ao Manafe

Hoje
vi setas
no coração aberto
de um novo Moçambique.
Vi a fome das raças
na ternura do sexo
saciando-se no capim.
Vi a minha face negra
de olhos de pedra
sorrindo para mim.

(1965)

POEMA A MEU PAI

O tempo não me detém
frente à campá rasa
do velho exilado.
Os meus pés gretados
passam por caminhos
que já não conheço
meditativo
entrelaço minhas mãos calosas de negro
e nos meus lábios grossos
fermenta um sorriso
algo indefinido.
Eu sei.
Há na minha boca
o sabor acre do peixe seco
deglutido com farinha de mandioca.
Existem nos meus olhos
campos de neve de algodão
onde minhas mãos escureceram
queimadas por uma fortuna
que não me pertence.
Eu sei.
O meu último tambor
soltou o derradeiro som
no silêncio do meu entardecer...
Ah! Aonde os gorjeios
das manhãs com pássaros e o silvar da mamba
no capim estival?
Aonde o fumegar
do amendoim novo
cozido na panela de barro?
Agora
Ruídos civilizados brotam do asfalto

e cantam-me canções que desconheço
e no quadrado do meu quintal de canção
imagino Armstrong
dando um pequeno passo
e um gigantesco salto
sobre a miséria.
Mas continuo a beber
a sura das minhas palmeirás
e lágrima a lágrima
Zambezes e Incomátis
nascem e fervem nos meus olhos
fertilizando de uma só vez
todas as machambas de Moçambique.

.....
O tempo agora deteve-me
e encontro-me firme
frente à campa rasa do velho exilado.
Bailam-me nos pensamentos
os pensamentos de uma vida ainda por viver.
Ah! Eu enfeitarei com as missangas mais raras
este grande imbondeiro de saudades
e o calor das minhas palavras
fará vibrar esta lápide fria
que deteve o corpo no seio do tempo.

— Sabes pai?

Amo-te agora mais do que outrora!

(1969)

Malanga
nossas cidades
nossa vida

DOS MENINOS DA MALANGA

Mukhokweni

Ao Quinho

Mukhokweni
não é só lugar de cocos.
Mukhokweni
também tem história
retida na íris
dos meninos da Malanga.
Vivíamos a monte
entre coqueiros, pamas e piteiras
e tínhamos tudo!
Crianças sempre esfarrapadas
mulheres grávidas todos os anos
xibalos-carregadores
e magaizas endinheirados
que os mabandido por vezes
esfaqueavam.
A polícia também investia
para metralhar corpos
e efectuar prisões
mas em Mukhokweni
sobretudo
vivíamos entregues a nós mesmos.
Vinte e quatro anos são passados
sobre os coqueiros, pamas e piteiras
de Mukhokweni ora urbanizado.
Mas os gritos
pragas e imagens continuaram
doidamente condensados

nos nossos corações já amadurecidos.
Jacinto, Fernanda, Madala
e tu Kadir?
Todos companheiros de infância
que o regime implacável dividiu.
Lembram-se irmãos
dos jogos de futebol no campo da Glória
onde o Zeca
esse loiro traquina
apanhava da mãe para não aprender
a falar landim?
Mas o pau de amoreira
no seu corpo franzino
não o assustava
e lá o tínhamos diariamente
como avançado-centro da nossa equipa.
Não sei o que foi feito dele.
Da Fernanda sei.
Essa menina mulata
de tranças de carapinha
não teve ninguém
por isso há dias sem me reconhecer
quis vender-me amor num quarto qualquer da cidade.
Não me mente
este tempo historiado!
Agora
meninos totalmente diferentes
vivem em Mukhokweni
sem coqueiros, sem pamas e sem piteiras.
Porém
quando passo no lugar
quase sem rancor
choro
milhares de pessoas
que Mukhokweni marcou para sempre!

(1969)



(Lourenço Marques: nossa cidade segregada)

CIDADE

Ao Abdulremane e Kutcia

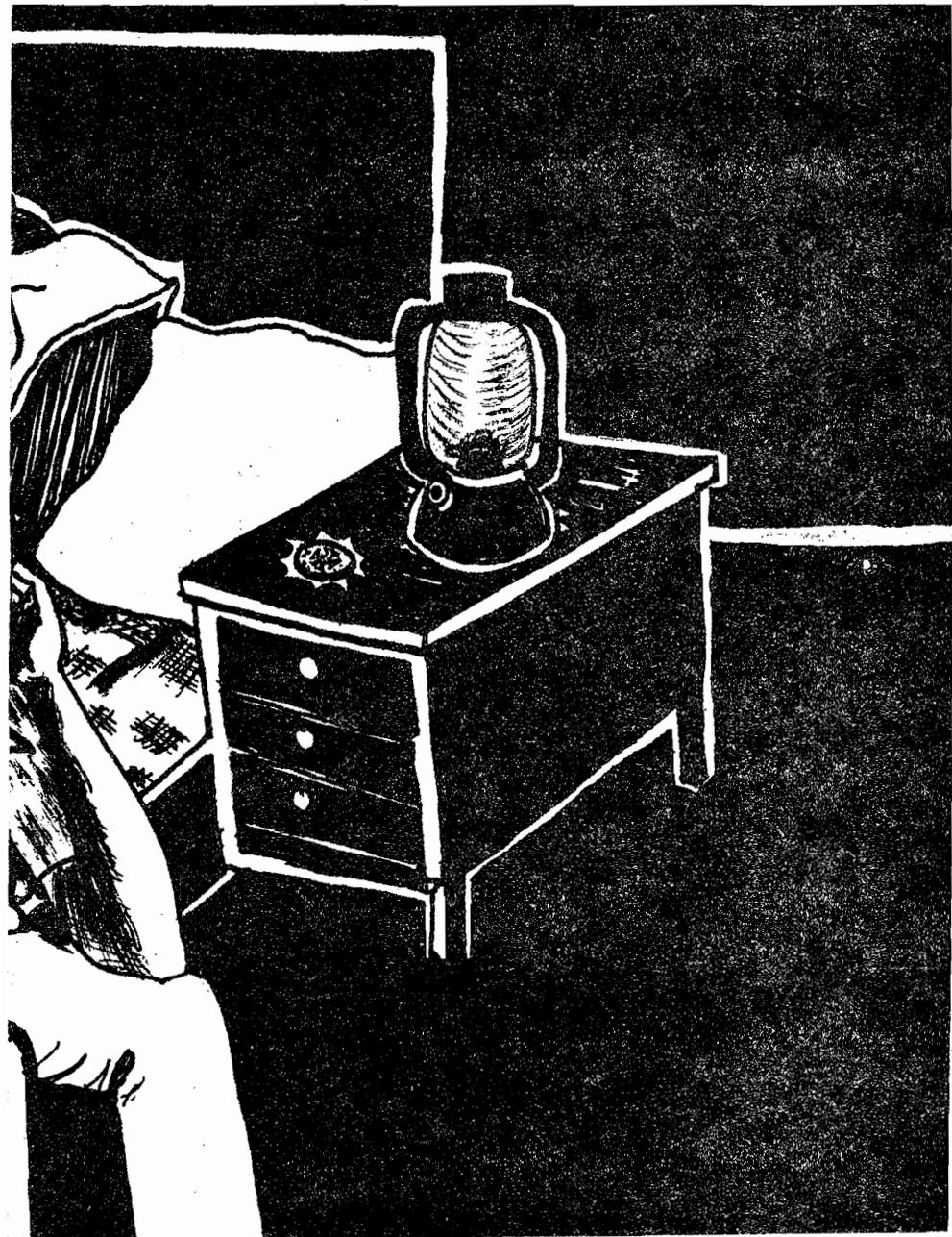
Chamo cidade
a estes corpos estranhos
que se cruzam
dentro e fora de mim.
Chamo cidade
ao alcatrão negro
ao colorido psicadélico
dos saris e capulanas
comungados nos bilhetes de três zonas
para o Xipamanine.
Chamo cidade
a esta luta e labuta
ao vôzear maravilhoso das línguas-mães
ao deambular constante dos pés descalços
e também
à minha cabeça encarapinhada
onde a própria cidade se divide
se consome
cingida pelo meu pensamento audaz
atirado ao encontro da realidade.
Chamo cidade
a estas avenidas largas e faustosas
que desembocam nas ruelas tortuosas
muralhadas por quintais de zinco e caniço
onde, aqui e além
charcos palúdicos
são imaginados rútilas fontes

por estes miúdos de calças rotas
enlameadas
que vendem vasilhame de refrigerantes
ao preço de cinco cigarros
na cantina do branco.
(Ânsia de uma criança viciada
por uma mãe que só volta de madrugada).
Chamo cidade
aos bares de todos os subúrbios
onde ao som do juke-box
os nossos corpos suados
embriagados
se entregam
se libertam
no bambolear rítmico dos twistes amarrabentados.
Chamo cidade
àquela ruela mais além
onde um grupo de mulheres iguais
em casas iguais
vende amor africano
ao preço módico de vinte escudos.
Continuo a chamar cidade
a esse estivador
vulto escuro rompendo a madrugada
que de mangungo na mão
desafia com a sua frugalidade
todos os inventos vitaminosos para a robustez.
E ao muchope
esse colector humano
herói nocturno
que a partir das vinte e uma horas
vai empestando o ar
com os horríveis baldes
dos dejectos caseiros.
Ah! Quase que me esquecia de dizer!
Esta cidade a que aludo
não tem luz
mas às vezes
há um clarão que a ilumina
que a domina
tingindo a noite acacimbada
de um vermelho amarelado
das nossas casas feitas tochas.
— Raios partam os candeeiros a petróleo!
Oh! cidadel
Continuas erguendo

para o indico céu marinho
as tuas civilizadas estruturas monolíticas
deslumbras com os teus atavios de princesa
a nossa simplicidade
contudo
aonde a cidade?!

(1969)





SEXO PAGO

Da noite
ficou-me o sabor acre
de petróleo queimado
de latrinas infectas
e o tilintar angustiante
de uma moeda convencional.
No pensamento
mantive o resto:
algemas vivas
em punhos sífilíticos.

(1970)

A MORTE DE XIMATANA

Ximatâna morreu.
Bebe memórias a esteira
e o nome que o matou.
Morreu Ximatâna.
No último
 reduto da Malanga
lágrimas moçambicanas
cumprem o ritual do medo
da morte
 que o libertou.
Morreu Ximatâna
ex-estivador
fumador de suruma
bebedor intrépido nas "barras"
do nome que o matou.
Há um silêncio
 no beco mal-cheiroso
um dilatar
 de órbitas infantis
em cada frincha
 aberta no caniço.
Morreu Ximatâna
velho de 30 anos.
Um vento esquisito
 sopra do porto esta noite
e o povo
agrilhoado de angústia
soluça para o estômago
e reza acomodado:
 — Deus é bom
 Ximatâna foi descansar...

(1972)

PONTUÁRIO NOCTURNO

Ao Baninho

No cabaret
afogamos os subúrbios
espetados nos nossos olhos
vendo Mundinho
libertar os dedos nas teclas
do órgão electrónico.
Lá fora, agressivo
o neon risca arabescos
no alcatrão da rua
multinacional dos passos.
Aqui
confessadamente prisioneiros
explodimos no álcool
poemas clandestinos
certos
do Dia que há-de vir!

(1973)

MORRER ANTES DO GRANDE DIA

Ouve Mário.
Quantas vezes falámos da tua morte provável?
Quantas vezes falámos da tua possível?
Quantas vezes falámos da tua morte inadiável?
Já não ouves Mário!
Escrevo-te neste silêncio
distante da Malanga
donde me ajudaste a libertar.
No rectângulo arenoso
onde te manténs
os bacilos morrem definitivamente
antes da libertação.
Mas a terra ouviu Mário!
Todos os bacilos e vírus
devoram a boca das serpentes
que hoje rastejam
sob as botas vitoriosas.
Já ouves Mário?
Ouviste Mário?

(1974)

**Nossas
mães
minha mãe**



MÃE FORTE

Verdes anos na negrura da vida
no casebre faminto e inflamável.
Entoando canções de sofrimento
eis a mãe descalça e mal vestida
ao colo
traz uma criança despida
na cabeça
uma lata grande cheia de água.
Mãe! Porque não choras e porque não gritas?
Teu filho chupando o dedinho
distingue ao longe o quintal de caniço
eis o mundo da tua mágoa!
Das canseiras buscas um sorriso
recolhendo a dor do teu feitiço.
Mãe! Porque olhas à noite o céu estrelado?
Pelos caminhos tortuosos e lamacentos
vem cantarolando teu marido embriagado.
Não te lamentos mãe
lamenta-ol
Teu marido é como o rio que secou
os Sóis da miséria o fazem cambaleiar
tu insistes, ele não aguentou!

(1962)

CONCEIÇÃO

(A Antonieta, que no Natal pediu um poema)

Somos do Tempo da Terra
e com ela comungamos
desde o Verbo
o pó dos nossos ossos.
Milhões de anos depois
ainda desafiamos
com tambores e tintlholos
os computadores e os átomos
na vernaculidade dos nossos costumes.
Incisivo
o movimento mantém-se
nos barracos que subsistem
enquanto botas e fardas
patrulham ideologias.
Sobretudo
quando o ventre inchado da mãe
mingua a capulana astral
o cosmos torna-se futuro
nas mãos prenhes do Homem
e
novamente
esperançosamente
o verbo se faz carne!

(1971)

POEMA INCOMPLETO A MINHA MÃE

Mãe!

Na odisseia palmilhada
de meio século
cinco vezes Moçambique recebeu
cem dedos indecifráveis de futuro.
Itinerário de esporas nos rins
da enxada à cozinha das patroas
tu mãe
no exílio e nas balas
para dois fluxos extremos
na idade fértil do teu útero.

Mãe!

Tu mesmo
na constância das noites a fio
entre latas e barris de xicalabiça
ou na senda supermatina das bancas do bazar
deste-nos às escamas epidérmicas de colonizados
a cor necessária para um combate sem tréguas.
Tu mesmo mãe!
Transformando o caniço em zinco
e o zinco em pedra
na exaustiva batalha contra o tempo
entre as enfermarias do hospital
e os últimos recursos dos nossos nhangas.
Tu mesmo Mãe!

(1972)

FLORES PARA ELA

Mãe
acabou-se o poema.
Nos canteiros de milho e flores
do teu quintal
quatro paredes
erguem-se solitárias.
Na capoeira e na pocilga
galinhas e porcos mostram
a sanha produtiva das tuas mãos.
Oh Mãe!
Arrasto-me desesperado
por esta grande estrada da vida
que nos ensinaste a trilhar
mergulho fundo
nesta raiva quotidiana de vencer
com a angústia permanente
de jamais te poder abraçar.
Mas o poema não acabou Mãe!
Ele continua em nós
para além desta dor
apenas consolada
por te sabermos sepulta
em terra já livre do nosso país.
Descansa em paz Mãe!
No teu canteiro
as flores não morrerão.

(7/1/77)

**A mulher
o amor**

RÔSINHA

Rôsinha
eu estar chatiado
não ir trabalhar.

Rôsinha
agente aôje vai amar.
— Ouvi quirido
você sabe qui Chiquito
comeu manga verde
tem dor no barriga
agente aôje não vai amar.

Rôsinha
eli não vai chorar!
Eu vai comprar rimédio pra Chiquito
tu vai ver
eli ficar bom
eli ádi brincar.
Tira capulana Rôsinha
agente aôje vai amar!

(1966)

ESQUECER A CACIMBA

As minhas mãos pousadas
nos teus cabelos crespos
incendeiam a minha alma
com os desejos mais puros
dos nossos glóbulos africanos.
Hoje como sempre
não mentiremos à noite
tão misteriosa e bela
como a própria esteira
que nos acolhe a solidão.
Lá fora a cacimba
continua a gelar os corpos
dos nossos irmãos ainda descalços.
Deixemos agora o sofrimento e a dor!
Vem querida
havemos de esquecer a cacimba
com o fogo do nosso amor.

(1967)

AO NOSSO AMOR INACABADO (1)

A Mila

Mila

que sabes tu do nosso amor?
Do fundo ignóbil do meu medo
a limpidez do teu olhar?
Que sabes tu do meu desespero?
Da vontade, da fúria e angústia
por um moçambicano a menos nos nossos braços?
E esta lança
atirada no cosmos
estas Luas pálidas para sempre
este naufragar íntimo que me rebela?
Que sabes tu dos meus versos?
Do silêncio quase forçado
à raiva de ser imperfeito?
Mila
do perdão
noites contínuas acto-contrito
solicito-me e solicito-te
esta derradeira autocrítica
tão necessária ao tempo essencial
do nosso amor inacabado.

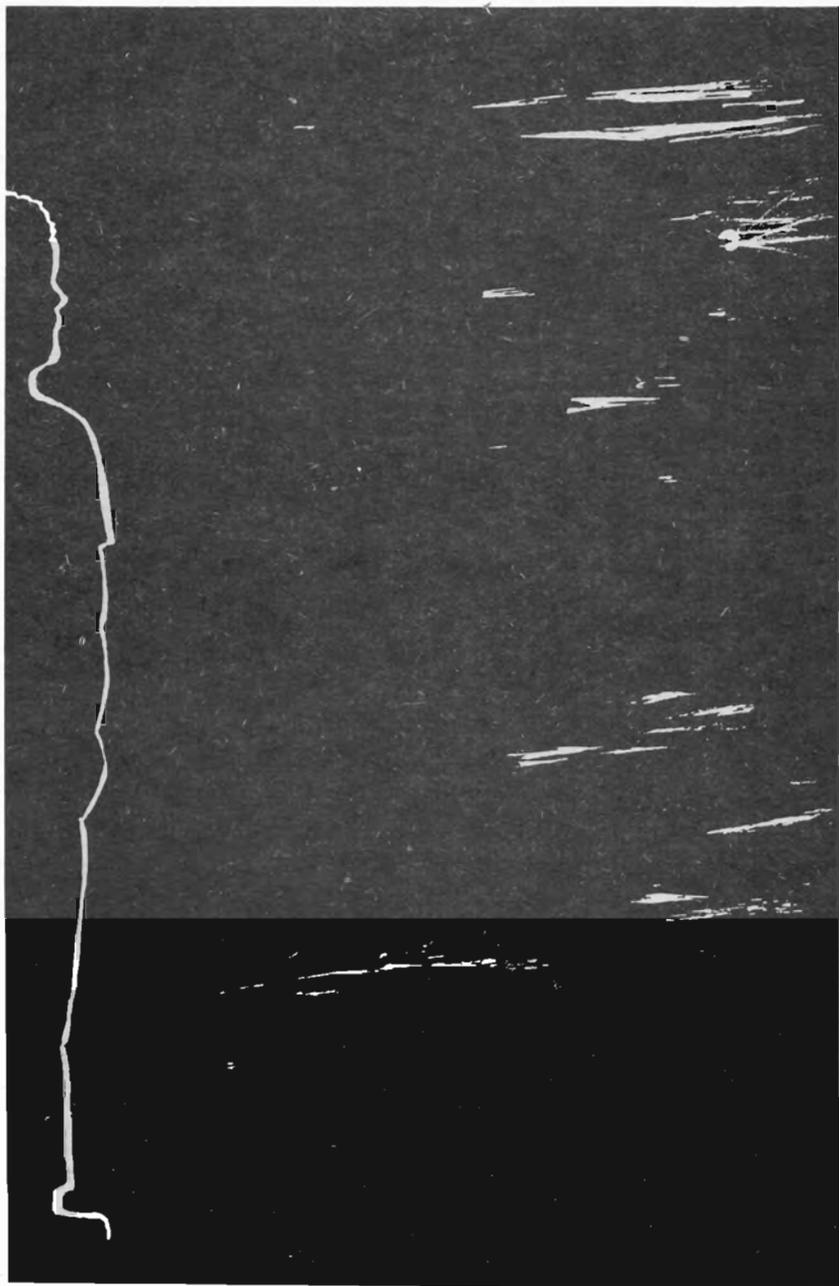
(Setembro 1973)

AO NOSSO AMOR INACABADO (2)

E havia
milho nos teus olhos
onde saciava esta fome dos tempos
e, no beijo do trabalho
sachava a terra
na seiva dos teus seios.
Agora
impossível o fruto
grito-te apenas amor na carne
em cada estação das chuvas.
Em ti
a dor não tem medida!

(1975)

**A terra
o sangue
a esperança**



AO MEU IRMÃO CARLITOS

Ele ali está
herto
quase sereno
olhando a manhã que não nasceu.
No seu corpo esguio
retalhado por uma rajada de metralhadora
há sangue coagulado de indignação
e uma ideologia
que morreu na esperança.
Choro-te, irmão morto
e humilde ao extremo
venero-te
no altar da nossa terra
ainda por libertar!

(Junho 1972.)

CAMINHEMOS IRMÃO CAMINHEMOS POVO

(Ao Ricardo Rangel, recordação da viagem ao Niassa em 73)

Caminhemos irmão
lucidamente verdadeiros
para a nossa frente.
Caminhemos!
Caminhemos
de olhos feitos canhos fermentados
corajosos,
chocando frontalmente
os fuzis luzidios
dos nossos inimigos.
Nossos pais mulheres e filhos
escudam manietados
uma ocupação de séculos.
Caminhemos!
Caminhemos
mesmo com os rios represados
contra a nossa liberdade.
Apartaremos os galhos
os montes
a própria sede.

E a raiva

como micaias a roer-nos o estômago
dar-nos-à força necessária
para o último combate.
Por isso irmão
caminhemos!
Caminhemos
só mais este bocado

suficiente até às baionetas
às nossas canções guerreiras
culimadas nas margens das línguas
do nosso país.

— Já nada nos pode deter!

Caminhemos irmão

Caminhemos povo

de mãos dadas

Caminhemos

sim

caminhemos!

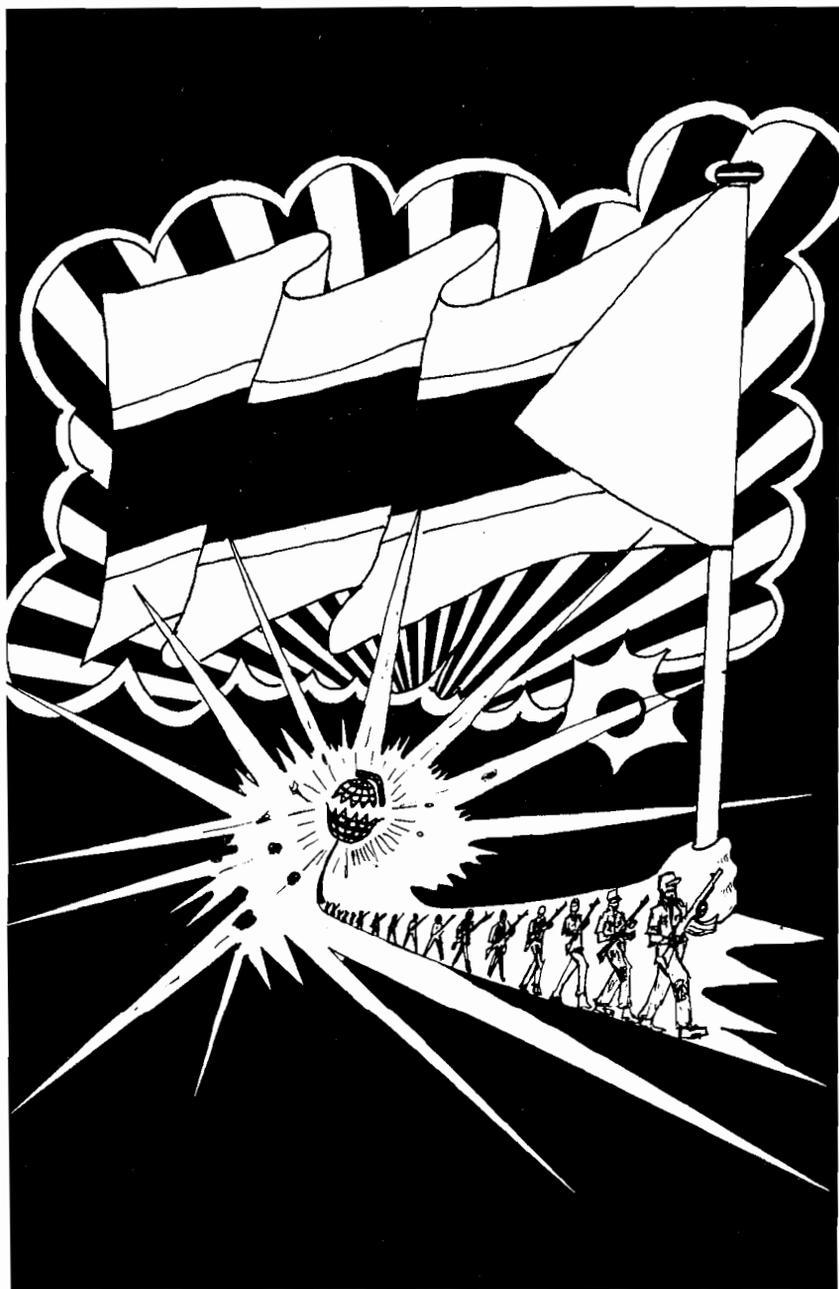
(1973)

NÃO HÁ COLONIALISMO DEMOCRÁTICO
(A Tite)

Mulungamos
durante séculos
esta presença
de estar calados.
Redondos
continuamos a receber
paternalisticamente
bocados democráticos
de liberdade.
— Até quando irmã?

(1974)

**Canção
do povo
do país**



CANÇÃO PARA MEU POVO

Ao José Craveirinha

E bailam memórias
perdidas
neste cansaço de discursos elaborados.
Mugem soníferas palavras
embrulhadas
como côdeas sem estímulo
nos derradeiros compassos deste entardecer.
Maduro o milho
a colheita serve
guerreiros ora assimilados
sapos
lodaçando nas línguas
o girino que neles já não existe.

Ah Povo!
Azagaiado teu corpo inteiro
terras nacionais argamassam-te os gritos
que nem crocodilo afocinhado na armadilha
de presa agarrada aos dentes.
Depois dos rios em sangue
já cimento armado de pontes
e carros reluzentes
algemaram-te
o verbo e o gesto
e no teu rosto em salitre
ferve do escárnio um esgar combustível.
Mapílos acri-doces
suspendem agora o teu gosto
entre as batatas fritas
e um caril de amendoim
enquanto
o «anda cá rapaz»

é um novo fruto que te saboreiam
na malga de cacana antipalúdica.

E vem o sol e vem a chuva
e vem o palavrão e a bofetada
e vem a angústia calcária
e a fuga para o john.

E vem o desespero e a revolta
a morte programada
e os pagamentos a ouro
para esta manada.

Ali e aqui

há gente que não é gente
de espingarda engatilhada

há capataz zulu
ofídico na chantagem
há regresso oficial
e regresso clandestino

há vinho a granel
nas cantinas da pátria
e mulheres-gaízas

de amor ao ano.

Também há história a recordar

vinte lustros que sejam

há lágrimas escondidas

nos malmequeres dos campos

há tanto tempo a desfolhar ...

Velhíssimos

xipalapalas mentais

despertam nos lábios bantus

catanas subscientes

bramindo lívidas

cargas de elefantes nos nossos olhos.

Lembram-se companheiros

das terras dos Namarrais

do monte Báruè

do rio Incomáti?

De Monomotapa e Maguiguana?

Escudos de pele curtida

amoleciam balas no teu peito

nu

convergente para a carga dos navegadores.

Divididos

campos e cânticos submeteram-se

sensíveis

à partilha em Berlim

aos cascos dos cavalos e ao ósculo do fogo

tão previstos e certos
como nhamussôros ultramágicos.
Em Xifêne
fendida no mar
iam morrer os doentes e os feridos
e com Nhaca semicoeso
diluía-se a vontade nos índicos corais.

Micaias presentes
roem-nos o estômago de raiva
rasgam certidões narrativas
e outras incógnitas
neste penhor consequente.
Lúcidos contudo
contam-nos histórias os rios
contam-nos histórias os vales
e as pedras dos caminhos.
Contam-nos os velhos machileiros
os moleques palmatoados
bem assimilados embora.
Contam-nos os homens contratados
(locomotivas de corpos longos)
contam-nos as lendas das lebres
e as áreas reservadas.
Contam-nos os idos de S. Tomé
e os sipaios administrativos
contam-nos as donas de casa
serviçais em Lisboa
contam-nos tudo tudo tudo
estes anseios surumáticos de vencidos.

Porém
tatuado
o sofrimento agigantou
a lança de Setembro
e uníssonos
o coração-tambor bate
furiosamente desperto.
Despoletados os punhos
são granadas de ódio e raiva
são canhangulos de coragem
explodindo outra vez.

De novo nossos pomares de maçaleiras
de novo nossas montanhas nossos mares
nossa riqueza a conquistar.
De novo nossas machambas para todos
nosso trabalho sem xibalo
nossa história nosso lar.

De novo o coro do guerreiro
nossa espingarda de guerrilheiro
cem anos que sejam
para o país libertar.
De novo o Sol e o malmequer
De novo a vida nosso Povo!

(Setembro 1972)

GLOSSÁRIO

BARRA — Palavra derivada de bar. Era uma expressão na altura muito usada nos bairros do Chamanculo e Malanga quando se designavam os locais caseiros clandestinos onde se fabricavam e se vendiam bebidas do género de xicalabiça ou ximatãna.

CACANA — Planta rasteira de sabor muito amargo que se come em molho de amendoim. Afirma-se e não sem razão que a cacana ajuda a curar muitas doenças de origem hepática e da pele.

CAPULANA — Pano que as mulheres de todo o país vestem que se cinge na cintura e desce quase até aos tornozelos.

CULIMAR — Palavra moçambicana de origem shuabo e macua que quer dizer cultivar.

LANDIM — Nome que os portugueses davam aos changanas e rongas do Sul de Moçambique. Designavam também por landim a língua falada por estes grupos étnicos.

MABANDIDO — Bandidos.

MAÇALEIRA — Árvore de maçala, que é um fruto saboroso e bastante aromático, de casca grossa e rija. Tem dentro sementes envolvidas por uma camada cremosa, sumarenta.

MAGAIZA — Mineiro contratado para ir trabalhar nas minas da África do Sul.

MAMANA — Mãe ou senhora. Maneira respeitosa de tratar uma mulher ainda não idosa.

MAMBA — Cobra altamente venenosa.

MANGUNGO — Pequeno farnel que o trabalhador leva para o serviço para a sua refeição, constituído geralmente por um pouco de farinha e um molho.

MAPFILO — Frutos acri-doces muito saborosos e muito apreciados no Sul do Save.

MARRABENTA — Ritmo musical oriundo do Sul de Moçambique. Vem da palavra portuguesa arrebentar a que se juntou o prefixo «ma».

MICAIA — Árvore com muitos espinhos.

MUCHOPE — Grupo étnico que vive numa região perto do litoral entre as Províncias de Gaza e Inhambane. Extraordinários tocadores de timbila. Durante o colonialismo eram desprezados por Rongas e Changanas por serem obrigados a exercer na cidade-capital o trabalho de recolha e transporte dos baldes dos dejectos nas zonas suburbanas.

MULHER-GAIZA — Mulher do magaíza. Construção semântica do autor.

MUKHOKWENI — Nome de uma das partes em que estava dividido o bairro da Malanga, por sinal a mais pobre. O nome surgiu por ali haver muitos coqueiros.

MULUNGAMOS — Neologismo do próprio autor que fez a partir da palavra moçambicana de origem Tsonga, Mulungo, que quer dizer branco, mas também senhor e patrão. Efectivamente as massas oprimidas moçambicanas começam a certa altura a tratar o patrão por Mulungo, independentemente da sua cor. Todo aquele que se identificava com Mulungo era Mulungo.

NHANGA — Curandeiro, ervanário.

PAMA — Árvore frondosa de folhas largas que dá pequenos figos redondos. Chamam-lhe também figueira brava.

SIPAIOS — Polícia auxiliar dos postos administrativos, célebres pelo seu servilismo ao colonialismo e pela crueldade com que executavam os castigos ditados pelas autoridades coloniais contra as populações.

SURA — Seiva da palmeira que se bebe doce ou fermentada.

SURUMA — Planta que nasce espontaneamente em muitas zonas do país e cujas folhas secam-se para se fumarem. É uma droga tipo marijuana.

TINLHOLO — Conjunto dos ossinhos, conchas, pedrinhas e raízes secas que o feiticeiro lança sobre uma pele ou esteira e que servem para ele adivinhar.

XIBALO — Contratado por coacção pelos agentes do colonialismo. Trabalho forçado, ou trabalhador forçado.

XICALABIÇA — Bebida tradicional de tipo do uputso mas mais alcoólica. É feita à base de farinha de milho, meixoeira e açúcar.

XIFÊNE — Nome de uma das ilhas fronteira à capital do país na Baía de Maputo e que os portugueses designaram por Xefina. Segundo apurou o próprio autor muito antes de os portugueses a transformarem em presídio a população ronga enviava para lá os doentes com enfermidades contagiosas. Daí o nome de Xifêne ou seja o lugar para onde se ia morrer.

XIMATANA — Bebida feita com levedura de cerveja, bocados de pão, água e açúcar. Bebida fermentada tipo cerveja, que se vendia nos subúrbios da capital

e era consumida principalmente por mulheres. A alcunha de Ximatâna, de que fala o poema, surgiu precisamente por ele ser um homem e beber aquela bebida.

XIPALAPALA — Instrumento musical feito a partir de um chifre. Esta espécie de trompa servia para convocar o povo.

Índice

Moleque	11
O sorriso do mulato feio	13
Dois temas	14
Poema da frustração	16
Tripla visão	17
Poema a meu pai	18
Dos meninos da Malanga	22
Cidade	25
Sexo pago	30
A Morte de Ximatâna	31
Pontuário nocturno	32
Morrer antes do grande dia	33
Mãe forte	37
Conceição	38
Poema incompleto à minha mãe	39
Flores para ela	40
Rôsinha	43
Esquecer a cacimba	44
Ao nosso amor inacabado (1)	45
Ao nosso amor inacabado (2)	46
Ao meu irmão Carlitos	49
Caminhemos irmão, caminhemos povo	50
«Não há colonialismo democrático»	52
Canção para meu povo	55

CADERNOS **TEMPO**

COLECÇÃO **GOSTAR DE LER**

Publicados:

- 1 — A Palavra é Lume Aceso (poesia)
- 2 — Gostar de Ler (crónicas)
- 3 — Dos Meninos da Malanga (poesia)

A Publicar:

- 4 — Areosa Pena, o Cronista (crónicas)

COLECÇÃO **HISTÓRIA**

Publicado:

- 1 — História de Moçambique, Vol. 1

A Publicar:

- 2 — História de Moçambique, Vol. 2
- 3 — Penetração e impacto do capital mercantil:
O caso do Muenemutapa

COLECÇÃO **TEMAS CULTURAIS**

Publicado:

- 1 — Pesquisas para um Teatro Popular em Moçambique



...«1945. 20 de Outubro. Entre o Chamanculo e o Alto-Maé nasce, filho de pai português, exilado pela monarquia e mãe mestiça de indiano e negra da Salamanga (Maputo), Raul Alves Calane da Silva. Passa a sua infância e torna-se adulto na Malanga-Mukhokweni, por entre, coqueiros e casas de madeira e zinco, compounds de Magaizas, vendedeiras de badjias e xicalabiça. É neste subúrbio da então Lourenço Marques que inicia a escrita dos primeiros versos. De amor primeiro e depois de situações. Meio a medo e com vergonha os poemas vão chegando à mesa das cervejarias, às casas dos amigos, ou então em festas de despedida de um algum amigo que ia para a tropa colonial, 1968 é o ano em que lê às escondidas um Craveirinha, policopiado e passado por muitas mãos. Clandestinamente os poemas vão crescendo, tomam forma e entrelaçam-se numa carreira jornalística iniciada com muito sacrifício. Vão nascendo também os poemas da noite, dedicados às irmãs vendidas da Rua Araújo. São os poemas dessas vivências que os amigos insistiram na sua publicação. Calane da Silva faz aqui a homenagem a tantos como ele «meninos da Malanga».

Gulamo Khan

 cadernos tempo

COLEÇÃO GOSTAR DE LER (3)